

# Tamanho do HRAN engana e não resolve problemas

Com um déficit funcional altíssimo, o Hospital da Asa Norte (HRAN) vive um paradoxo, pois sua infra-estrutura grandiosa não condiz com seu pessoal, e cerca de 150 leitos permanecem ociosos por falta de mão-de-obra especializada. Muitos médicos do HRAN acreditam que o secretário da Saúde Jofran Frejat resolverá a situação. Mas lembram que de nada adiantará sua boa vontade se não tiver uma verba respectivamente generosa.

Um médico do setor de emergência, que não quis ser identificado, disse que a “situação é muito mais triste do que se imagina”.

Segundo ele, faltam, desde material cirúrgico para sutura, até soro antitetânico muito usado em casos corriqueiros. Além disso, ele apontou o problema da falta

de local adequado para colocação dos pacientes que “muitas vezes são jogados no chão”.

A falta de pessoal e leitos contribuem para que mesmo na emergência formem-se filas em frente às nove salas do centro cirúrgico, onde muitos dos casos acabam se tornando fatais.

**Material** — No laboratório do hospital faltavam ontem alguns reagentes, mas segundo uma das técnicas em serviço o maior problema é a falta de constância na chegada dos materiais. Ela disse que muitas vezes chegou a comprar do seu próprio bolso alguns produtos para poder trabalhar adequadamente. O aparelho Cobas Mira, utilizado para o preparo de exames, continua sem funcionar desde que foi comprado, há dois anos atrás.

Os aparelhos de Raios X, se-

gundo o técnico em radiologia Newton Gonçalves Garcia, lotado há quatro anos no setor, estão com a capacidade de funcionamento reduzida pela metade. Dos sete, apenas quatro funcionam, e das duas processadoras, apenas uma é capaz de revelar os filmes.

A demora no atendimento do pronto-socorro é inevitável para a maioria dos doentes que lotam a sala de espera, todos com fichas nas mãos. O agente administrativo Stanley Ribeiro Alexandre, responsável pelo preenchimento do cadastro, se diz muito descontente em “ver de perto tanto sofrimento”. O problema social, segundo ele, é o mais crítico, lembrando que dentre as 300 fichas que faz diariamente no seu turno de sete horas, pelo menos 200 são casos comuns.